

## O CONFRONTO DAS EXPLICAÇÕES (CAUSAIS) DAS EMOÇÕES: FENOMENOLOGIA X NEUROBIOLOGIA

*THE CONFRONTATION OF THE (CAUSAL) EXPLANATIONS OF EMOTIONS:  
PHENOMENOLOGY VS. NEUROBIOLOGY*

Sâmara Araújo COSTA

Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Porto -  
Bolsista Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT-PT). A  
realizar estágio no doutoramento na Universidade de Oslo.  
E-mail: samara.araujo@gmail.com

### RESUMO:

Neste trabalho nos debruçaremos em investigações do filósofo da mente João Fernandes Teixeira em “*Uma nota sobre Sartre e Damásio ou as emoções entre a Fenomenologia e a Neurobiologia.*” A partir deste analisaremos a teoria das emoções de Jean-Paul Sartre em o “*Esboço para uma teoria das Emoções*” e do neurobiólogo António Damásio “*Em busca de Espinosa*”. Abordaremos brevemente sobre a teoria das emoções de Jesse Prinz e do neurocientista Robert Lent. Por fim, proporemos que a síntese para a busca de identificar o sentido das emoções que queria Sartre, deveria supor a combinação de diferentes abordagens causais sobre os fenômenos emocionais para maior compreensão destes.

PALAVRAS-CHAVE: Emoções, Fenomenologia, Neurobiologia, Explicações causais, Ciência.

### ABSTRACT

In this paper we will look at research by the philosopher of the mind João Fernandes Teixeira in "Uma nota sobre Sartre e Damásio ou as emoções entre a Fenomenologia e a Neurobiologia". From this we will analyze the theory of emotions of Jean-Paul Sartre in "Sketch for a Theory of Emotions" and of the neurobiologist António Damásio "Looking for Spinoza: Joy, Sorrow and the feeling Brain". We will briefly discuss the theory of emotions of Jesse Prinz and neuroscientist Robert Lent. Finally, we will propose that the synthesis for the quest to identify the meaning of emotions, as Sartre wanted, should involve combining different causal approaches to emotional phenomena to better understand them.

KEYWORDS: Emotions, Phenomenology, Neurobiology, Causal explanations, Science.

## Introdução:

*Sobre as emoções tenho curiosidade.  
Sobre os fatos, quaisquer que venham a ser,  
não tenho curiosidade alguma.”*  
Fernando Pessoa no *Livro do Desassossego*.

Ao abordar os estudos de António Damásio, João de Fernandes Teixeira escreveu sobre a impossibilidade de separar as emoções das capacidades cognitivas, essa ideia se desenvolveu em várias obras de Damásio, principalmente em *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos* (2004). A importância de se estudar o papel das emoções na cognição remete tanto para questões que revelam sobre a vida psíquica, como biológica numa impossibilidade de separá-las. Desta maneira, vimos o quanto o trabalho de Sartre é prenunciador deste momento importante em que se encontram Fenomenologia e Neurociência. A descrição de fenômenos estruturais da consciência como imaginação, emoção, percepção permanecem como um método para a ciência, e Sartre entre outros fenomenólogos apontavam para esta direção.

A busca principal de Damásio, como neurobiólogo é descrever as funções para as emoções, afirmou Teixeira. Mas funções num nível biológico, não como um fenomenólogo que tende a abordar o fenômeno em situação, a partir da cognição situada socialmente. As finalidades, ou causas finais para os fenômenos claramente podem ser investigadas em dois níveis, físico e psíquico, material e formal. Podemos encontrar na obra *Esboço de uma teoria das emoções* que Sartre também propôs algo similar, mas claramente seu enfoque era na compreensão do fenômeno a partir da descrição do comportamento:

“Não se pode compreender a emoção se não lhe buscamos uma significação. Essa significação é, por natureza, de ordem funcional. Somos levados, pois, a falar de uma finalidade da emoção. Essa finalidade nós a captamos de uma maneira muito concreta pelo exame objetivo da conduta emocional. (Sartre, 1939/2008, p. 48)

Esta passagem de Sartre remete a uma busca de significação psicológica e fenomenológica para as emoções, um tipo de explicações teleológicas das emoções. Segundo Teixeira, Damásio ao abordar o tema das emoções parece “*oscilar entre uma psicologia darwinista e fisicalista que, por vezes, beira o materialismo eliminativo.*” (Teixeira, 2005, p.38) Sartre, por outro lado abordou o papel das emoções sob várias perspectivas, primeiramente fez um apanhado das teorias mais clássicas, e seguiu para uma significação psicanalítica e fenomenológica, antropológica, ao final quando defendia a descrição das emoções a partir de uma necessidade empírica.

Em Damásio a significação das emoções, segundo Teixeira apontavam para um “*papel que esteja ligado à preservação física e mental dos organismos, e se possível que essa preservação seja acompanhada de um elemento suplementar: o bem-estar.*” (Teixeira, 2005, p.38). Podemos reconhecer que a interpretação de Teixeira sobre a teoria de Damásio ao abordar as emoções, revela-se a partir de um tipo de compreensão darwinista, assim como escrito: “*Las emociones proporcionan un medio natural para que el cerebro y la mente evalúen el ambiente interior y el que rodea al organismo, y para que respondan en consecuencia y de manera adaptativa.*” (Damásio, 2005, p. 56)

Dito isto podemos tentar uma aproximação e comparação entre Sartre e Damásio quando discorrem sobre o papel das emoções, mas por outro lado, o segundo apela para os seus “*correlatos neurais?*” (Teixeira, 2005, p. 38) algo que Sartre criticou como um tipo de explicação não completa para as emoções. Damásio quis antes mesmo de tentar alguma descrição do fenômeno levantar uma hipótese ontológica para o papel das emoções na vida humana, dizendo desta definir o que antes entendemos como uma consciência mais primária e fundante. Explicou isto por apontar a localização da ativação das emoções localizarem-se em partes mais antigas do sistema nervoso. Por outro lado, para Sartre as emoções são fundamentais nas relações afetivas e suas manifestações remetem à “*facticidade da existência humana*”. (Sartre, 1939/2008, p. 94)



Louis-Léopold Boilly, (1761-1845) Reunião de 35 cabeças expressivas. (Há estudos que defendem que há emoções inatas e o estudo é feito com base nas expressões faciais, por ex. estudos de Paul Ekman)

## Teixeira e Damásio

A teoria das emoções de Damásio separa o sentimento, ou seja, a sensação da emoção, do que seria a ativação disto, como se o corpo pudesse emocionar antes, para que depois o sentimento da emoção se torne consciente. Nessa visão o nosso cérebro proporcionaria todo o mecanismo, visto isto comentou Teixeira a explicação de Damásio:

Emoções são representações neurológicas de estados do corpo; para ter emoções é preciso um cérebro suficientemente complexo para poder abrigar estas representações, caso contrário, como acontece em organismos mais simples, é possível ter emoções sem, entretanto, senti-las. (Teixeira, 2005, p. 39).

A importância de sentir nossas emoções é sugerida para uma melhor modulação das nossas ações. A teoria das emoções de Damásio retoma a de William James, esta mesma que Sartre confrontou. Damásio escreveu que o estímulo da emoção aparece primeiro numa relação entre mundo-cérebro e depois numa resposta emocional física, a relação mundo-cérebro não é primeira que a de

percepção/mundo, porque estamos sempre situados, engajados em alguma atividade. Existe o corpo em situação, como apontou Damásio em seu texto

La aparición de una emoción depende de una complicada cadena de acontecimientos. He aquí cómo lo veo yo. La cadena empieza con la aparición del estímulo emocionalmente competente. El estímulo, un objeto o situación determinados realmente presentes o rememorados, a partir de la memoria, llega al cerebro. (Damásio, 2005, p. 59)

A relação mundo-cérebro para explicarem as emoções são a memória, e esta seria uma atividade cerebral para Damásio, por outro lado entendemos que as emoções como memórias são faculdades da percepção, como afirmou Aristóteles a memória é também nos sentidos. A relação cérebro-mundo não existe a não ser numa linguagem e descrição neurocientífica. Para Damásio ao receber os estímulos acontecerá um processo para representá-los, e isso envolve um trabalho cognitivo que abarca várias partes do cérebro. Ademais a captação de imagens do cérebro por meios tecnológicos, a considerar o mapeamento de regiões ativadas no cérebro e vinculadas à fenomenologia das emoções. A ativação de partes do cérebro, umas mais ativadas que outras, como um tipo de explicação que pudesse fazer-nos mapear e identificar algum tipo de explicação causal. Mas apontar a localização da ativação do cérebro e tal emoção não define a função da emoção. Assim o cérebro enformaria vários conteúdos e desencadearia as reações emocionais que podem ser “*ampliadas ou mitigadas*” (Damásio, 2005, p.67). A questão é que Damásio parece cair na crítica frontal, que fez Sartre quando escreveu sobre a psicologia adotar uma linguagem científica para explicar as emoções. Teixeira escreveu da importância que Damásio atribuiu às emoções para explicar a ação, por exemplo o medo como uma emoção que teria a função de nos preservar e conservar. Descrições a um nível mais animalista, claramente para encaixar na abordagem ontológica da pesquisa de Damásio ao defender as partes identificadas com ativação de emoções no cérebro são as partes mais primitivas do cérebro. Mas ainda sim a lidar com explicações das emoções a não abordar a particularidade de cada fenómeno emocional, Damásio em transferir a explicação do fenómeno que seria subjetivo, para uma linguagem da Neurociência, assim apontou Teixeira:

Tudo se passa como se, para Damásio, o *explanatory gap* não existisse e um fisicalismo ou materialismo eliminativo tácito pudesse ser professado sem nenhum problema. Poderíamos reduzir toda nossa experiência visual, em *technicolor*, à atividade da massa cinzenta do cérebro. Ou a pintura de Van Gogh à dilatação de alguns ventrículos do cérebro. Algo que se afigura, pelo menos de início, como bizarro e inadmissível. (Teixeira, 2005, p. 40)

A crítica de Teixeira se concentra na mesma feita por Sartre, o fenômeno da emoção também precisa ser descrito a partir de uma perspectiva além da materialista. Por outro lado, Damásio mostrou como a estimulação no cérebro de uma paciente com mal de Parkinson, descreveu que poderia modificar estados de tristeza, ou mesmo imputar, tal manipulação de uma circuitaria do cérebro poderia simular algum controle das emoções no futuro, segundo o autor. Assim, Damásio substituiu um tipo de explicação de psicologia popular para um tipo de explicação a partir de atividade neural, seu “*correlato neurobiológico*.” (Teixeira, 2005, p. 40)

Teixeira inseriu a importante questão de se Damásio seria um reducionista fisicalista, mesmo quando valoriza a interação das emoções, enfim, Teixeira pergunta: “*Ora, não estaríamos aqui diante do explanatory gap que não se deixa esquecer? Ou seja, da velha asserção dos filósofos da mente de que o conhecimento da neurofisiologia da dor não me permite imaginar nada parecido com sentir uma dor?*” (Teixeira, 2005, p. 40)

A negação da qualidade da experiência seja perceptiva, como também das emoções não pode ser provada como verdadeira, e Teixeira parece reconhecer, assim como fenomenólogos a convergência e ambiguidade dos aspectos particulares e universais, quando se trata de investigar tais fenômenos, das emoções como percepções.

## Sartre x Damásio

Para Sartre a significação das emoções não é dada por fatos relevantes que se referem a esse tipo de investigação dita positivista, numa linguagem científica. Podemos encontrar no seu texto uma forte crítica à psicologia quando esta é seduzida por esta forma de produção de conhecimento, ou seja, a neurociência. Para o fenomenólogo esta não explica o fenômeno da emoção. Podemos ainda acrescentar o que escreveu Simeão Sass (2007) a interpretar o texto de Sartre e que de algum modo, o mesmo texto confronta a forma que Damásio compreende as emoções:

Podemos admitir que a reação fisiológica é o lado sério da emoção. Mas este é o primeiro aspecto; o segundo é que ela é uma vivência imediata da consciência. A emoção é, para Sartre, uma degradação da consciência, uma forma de adormecimento. O sintoma fisiológico tomado isoladamente é insignificante porque não revela o sentido essencial da emoção. (Sass, 2007, p. 44)

Como apontado por Sass, o fato fisiológico seria o cientificismo da emoção, mas este é um aspecto que não nos explica como aparece o evento em relação essencial com mundo e o sujeito. Assim, a psicologia positivista que Sartre criticou na obra *Esboço para uma teoria das emoções* (1939), muito

direcionada para William James, porém se assemelha à pesquisa em neurobiologia realizada por Damásio, no que concerne ao seu estudo sobre as emoções. Estar a experienciar o fenômeno, e não o reduzir a um tipo de mapeamento de atividade cerebral. Mapear o cérebro e suas ativações não explica nenhum fenômeno, são do tipo de explicações físicas, alterações e causalidade material. A emoção só revela seu sentido na experiência, ou seja, sua essência quando é mostrada, descrita a partir da relação sujeito e mundo, claro, se o foco é tentar entender o papel da emoção no comportamento. Como afirma também Ferretti e comenta o texto de Sartre:

Fascinada por esse modelo, a psicologia almeja ser positiva e busca, antes de tudo, os fatos. Porquanto crê que estes correspondem ao que se “[...] *deve encontrar ao longo de uma pesquisa*” (Sartre, 1939/2010, p. 8, grifo do autor), à psicologia não importa saber o que tais fatos *significam*. Para ela, a pergunta pelo sentido deles não interessa, da mesma forma que a pergunta pelo sentido da atração entre os corpos segundo a lei de Newton não interessa ao cientista (Sartre, 1939/2010, p. 16); trata-se de um fato que não *significa* nada: apenas *é*. Tal é o tratamento dado pelo psicólogo a seu objeto, o fato psíquico, encarado como um dado natural. (Ferretti, 2013, p. 131)

Os fatos materiais, a exemplo do tipo de relação que sugeriu Damásio (cérebro-mundo) colocados deste modo, como fatos científicos para Sartre não nos dão a síntese de sua significação, e tampouco uma coleção de todos os fatos colocados à mesa não nos explicaria o fenômeno, trata-se de uma conjectura. Teixeira escreveu que “*para a psicologia fenomenológica, explicar não é reduzir*” (Teixeira, 2005, p. 40) e seria importante explicar as leis naturais das emoções nos próprios processos, o que implica sair de laboratórios, e levantar dados sobre as emoções na experiência prática, para incluso apontar que as novas tecnologias do cérebro não as explicam. Como afirmou Sartre:

Esperar o *fato* é, por definição, esperar o isolado, é preferir, por positivismo, o acidente ao essencial, o contingente ao necessário, a desordem à ordem; é transferir ao futuro, por princípio, o essencial: “é para mais tarde, quando tivermos reunido um grande número de fatos”. (...) é tão impossível atingir a essência amontoando os acidentes (...) não se percebe o interesse desses trabalhos de colecionador. (...) Dir-se-á que esse é precisamente o método e a ambição das ciências da natureza. (Sartre, 1939-2008, p. 16-17)

Sartre atacou a teoria de William James e Damásio a abarcou. Teixeira escreveu que Sartre identificou o paradoxo da teoria jamesiana, do qual a emoção não pode existir unicamente como um fenômeno corporal, pois quem confere sentido a estas sensações é uma consciência. Assim, é uma teoria das emoções não pode estar separada de uma teoria sobre a valoração da percepção, seja em níveis básicos

como buscar o prazer e evitar a dor. Para Sartre “*a significação da emoção vêm do mundo, não de nós mesmos*” (Sartre, 1939/2008, p. 86), seriam para o autor respostas do nosso corpo ao mundo.

Teixeira explicou que a confusão semântica seria no nível de “*se as emoções são estados corporais seria legítimo atribuir a elas tanto propriedades físicas quanto propriedades mentais, o que geraria sentenças sem sentido do tipo “meu corpo está agora aterrorizado” ou “meu corpo está alegre”*” (Teixeira, 2005, p. 41). Mas não precisamos ser dualistas, e ao compreender a descrição do fenômeno emocional apenas descrito por esferas separadas, física e psíquica. Assim como William James, Damásio também trabalhou com fatos psíquicos de forma atômica, com um enfoque mais fisicalista. Teixeira abordou um contraexemplo de Sartre:

Sartre nos chama a atenção para um contraexemplo evidente: os casos patológicos de indivíduos hospitalizados nos quais há uma oscilação entre ira e alegria numa questão de segundos. Estas duas emoções não têm nada a ver uma com a outra apesar de sabermos que as modificações fisiológicas que correspondem à ira só diferem das de alegria por uma pequena margem de intensidade. (Teixeira, 2005, p. 41-42)

O ataque a teorias clássicas, como a de William James, onde não há uma organização lógica, como afirmou Teixeira “*certamente a lógica das emoções não segue a lógica ou sequência dos fenômenos neurobiológicos que ocorrem no corpo e são representados no cérebro.*” (Teixeira, 2005, p. 41) No contraexemplo de Sartre, qual seria a lógica das emoções? Uma explicação de ativação de áreas cerebrais? Como podemos entender que de um estado recorre outro, de que maneira um contém o outro? Estas são perguntas que entram em conflito com o reducionismo de Damásio que não explicam o fenômeno. Uma redução neuronal não nos diz da confusão lógica do fenômeno em sua facticidade.

### **Quem se emociona é a consciência que emerge do cérebro?**

A partir desta pergunta, em Damásio, primeiramente quem enforma a consciência é o cérebro. Teixeira afirma que sua tese parece retomar uma espécie de sensibilidade cortico-talâmica, e é claro Sartre não iria concordar com isso, pois já vimos algo assim no *Esboço*:

Não vejo que a sensibilidade corticotalâmica, recentemente inventada pelos mesmos que fazem essas críticas a James, permita uma resposta satisfatória à questão. Primeiro, porque a teoria de James tinha uma grande vantagem: ela levava em conta apenas distúrbios fisiológicos direta ou indiretamente reveláveis. A teoria da sensibilidade cerebral recorre a um distúrbio cortical inverificável. (...) essas experiências, tomadas nelas mesmas, não provam *absolutamente* nada. (Sartre, 1939/2008, p. 33)

As amostras de Damásio colocam como se o cérebro pudesse representar e processar todas as informações do fenômeno e enviar as respostas para o corpo, para após tornar-se consciente destas. Esta

teoria suprime a noção de consciência incorporada e parece pontuar a oposição entre função periférica e função central. Teixeira relaciona esta tese com a teoria de William James:

James fala de uma alteração de consciência precedida de uma alteração corporal (Estou triste porque choro) sem, entretanto, arriscar nenhuma hipótese sobre o problema mente-cérebro que pudesse nos esclarecer o que seria essa consciência. Ela seria um dado imediato, um fluxo que deveria ser assumido como o ponto de partida de qualquer psicologia, mas em sua obra não encontramos considerações ontológicas específicas acerca da natureza desse fluxo. (Teixeira, 2005, p. 42)

A grande importância que coloca Teixeira sobre o discurso sartreano e damasiano é que um insiste na perspectiva em primeira pessoa e o outro em terceira. O particular deve encontrar o universal de algum modo, insistem os fenomenólogos, assim é na literatura, arte. As emoções têm um significado para o sujeito que as sente, “*não são qualidades puras e inefáveis, pois elas têm um sentido, significam algo para minha vida psíquica*” (Teixeira, 2005, p. 43) e esta é uma das aplicações da teoria de Sartre contra a de James, e à de Damásio, pois também ignorou como as emoções constituem uma conduta “mágica” no mundo, modificando-o e a nós, ou seja, a cognição. É preciso pontuar uma consciência incorporada, integrada, situada que sente e emociona-se na relação e ancoramento no mundo.

### **Emoções impulsionando a ação**

Jesse Prinz (2004) é um filósofo da mente, e como Sartre, retomou a importância das emoções na percepção ao investigar como estas influenciam a ação. As emoções podem motivar a ação, ou inibi-la. Quando as percebemos mudamos a forma como percebemos o mundo, e como agimos. Escreveu Prinz:

Eu venho dizendo que as emoções são motivadoras. Elas nos impulsionam para agir. Sentir medo pode gerar uma vontade de fugir, e estar com raiva pode gerar uma vontade de lutar. Em contraste, não há nada de muito comovente em ver uma mancha vermelha ou ouvir algum tom. Quando casos paradigmáticos de percepção são motivadores, geralmente é em virtude de alguma resposta emocional. (Prinz, 2004, p. 228)

Prinz também incorreu em afirmar que as respostas para ação podem não ser diretamente influenciadas pelas emoções, mas podem instigar para ações apropriadas, preparando nosso corpo para uma ação. E na citação anterior é claro que se a mancha vermelha sugerir algo como sangue e tom que ouvirmos for algo como um grito, ou gemido as respostas claramente podem ser mais emotivas, por isso devemos ter em conta o papel contextual das emoções na percepção. As emoções também podem ser vistas como percepção de *affordances* (capacidades), por exemplo, ao sentir as mudanças em nosso corpo

provocadas pelas emoções, algumas respostas são requeridas, e reconhecidamente gerando comportamento, o que pode resultar numa resposta esperada a tal estímulo. Neste sentido, a relação da emoção com a ação não pode ser ignorada. As respostas motoras dadas à percepção das emoções podem culminar numa ação. Prinz escreveu que emoções se relacionam com a ação em parte por seus marcadores de valência, que seriam mais sutis quando percebemos alterações corporais e agimos, neste caso, nem sempre fazemos o registro destes estados e a ação pode vir como um imperativo. Vemos isto mais claramente no próprio texto:

Os marcadores de valência são outra história. Não registam estados corporais. O seu conteúdo é mais bem entendido como imperativo. Pode ser glosado pela instrução "Mais disto!", no caso de valência positiva, ou "Menos disto!", no caso de valência negativa. Os marcadores de valência são comandos internos para manter ou eliminar um estado somático através da seleção de uma ação apropriada. Os marcadores de valência não são estados perceptivos. Não são estados nos nossos sistemas somatossensoriais. Eles podem ser dissociados das avaliações corporais e podem ser associados a outros tipos de estados mentais. Admito, portanto, que as emoções contêm um componente não perceptivo. (Prinz, 2004, p. 229)

Mesmo afirmando que possa existir um componente não perceptual nas emoções, Prinz afirma que é completamente aceitável afirmar que as emoções são percepções,<sup>1</sup> e que estas emoções podem nos obrigar a agir. O que retoma a noção sartreana sobre a conduta emocional nos invadir, a magia das emoções nos dominar e impulsionar nosso comportamento. A ação apresenta significado para o sujeito que age, inclusive explicamos as motivações das nossas ações através das emoções. E os movimentos corporais incluem e podem conter uma carga emocional, como já sabemos há sorrisos genuínos e “sorrisos amarelos” sem nenhuma emoção e nos apercebemos disso sem precisar explicar como percebemos. A lembrança de uma emoção pode mudar toda a nossa percepção, os batimentos do coração, o ritmo em que agimos. É nesse sentido que a Neurociência aborda funções emocionais, retomando sua importância que prevalece muitas vezes sobre processos racionais. O que veremos melhor neste último tópico.

---

<sup>1</sup> Aristóteles também entendia as emoções como parte da faculdade perceptiva e escreveu no *De anima* que não há qualquer afecção que seja exclusiva da psique: “Na maioria dos casos, a alma não parece ser afectada nem produzir qualquer afecção sem o corpo por exemplo, encolerizar-se, ser ousado, sentir apetites e perceber em geral.” (Ver em DA 403a5-30.)

## Linguagem cientificista (linguagem objetiva)

Os fatos sobre as emoções é que estas são acompanhadas por mudanças fisiológicas e geram comportamentos, é nesse campo que este tipo de abordagem científica entraria. Até mesmo porque como muitos pesquisadores dizem, incluso o famoso filósofo da mente Daniel Dennett (1991) defendeu algo como “não estamos interessados no caráter subjetivo da experiência, pois não é um aspecto relevante para ciência”<sup>2</sup>, tendo em vista que Aristóteles também indicou na *Metafísica* que não há ciência do particular<sup>3</sup>, por outro lado, também identificou o caráter ambíguo entre o que é particular e universal na experiência da percepção, das emoções. Visto isto, o que neurocientistas procuram estabelecer atualmente é descrição da relação entre “*manifestações orgânicas e comportamentais*” (Lent, 2003, p. 715). Foram sublinhadas três funções que neurocientistas atribuem para as emoções: “(1) a sobrevivência do indivíduo; (2) a sobrevivência da espécie; e (3) a comunicação social.” (Lent, 2003, p. 715) O primeiro ponto refere a reações que são reconhecidamente comportamentos de defesa e ataque, o medo e a raiva por exemplo, e até uma maturação do comportamento emocional é abordada, tendo em vista, o bem da espécie. E obviamente o nosso rol de emoções é bem mais rico. Como escreveu o autor:

Podemos identificar pares de emoções opostas, como alegria e tristeza, amor e ódio, mas também experiências únicas para as quais não há opostos claros: encantamento, agonia, desprezo, desespero, pânico, inveja e tantas outras. Essa diversidade dificulta classificá-las: elas pouco têm em comum. Pode-se dizer que algumas têm valor positivo, e por isso os comportamentos que suscitam tendem a ser repetidos. Outras tem valor negativo, e os comportamentos que provocam visam a eliminá-las. Positivas ou negativas, as diferentes emoções podem provocar comportamentos motivados, o que leva alguns autores a considerarem que o único elemento comum entre elas é o *reforço*,

<sup>2</sup> Dennett (1991) insistiu numa descrição neutra para que a ciência possa ser objetiva, e a partir de descrições em terceira pessoa, e que talvez poderia de algum modo fazer “*justiça as mais privados e inefáveis experiências subjetivas*” (DENNET, 1991, p. 72) Para o autor a subjetividade, ou a qualidade da experiência (*qualia*) não podem ser explicados por processos físicos ou biológicos. Ver em “The Method Of Heterophenomenology”, IN *Consciousness Explained* (1991).

<sup>3</sup> Aristóteles escreveu que não se pode definir uma realidade particular, assim é a mesma dificuldade para definir e encontrar os significados de emoções. “*Por eso, en lo relativo a la definición, cuando alguien trate de dar la definición de una realidad particular, no debe ignorar que es posible eliminarla. En efecto, no puede ser definida.*” METAPH. 1040<sup>a</sup>5 (Trad. Tomás Calvo Martinez). “*Assim como não há ciência do que é accidental, ou seja, não necessário: “Fica esclarecido, por ora, que não existe ciência do acidente. Toda ciência refere-se ao que é sempre ou na maioria das vezes: se não fosse assim, como seria aprender ou ensinar a outros?”* Metaph. 1027<sup>a</sup>20 (Trad. G. Reale)

Não se faz ciência do homem individual, Sócrates por exemplo. De outro modo, partilhou uma das dificuldades de tal investigação (psique), e escreveu no *De Anima* “*a percepção em atividade ser dos particulares, enquanto a ciência é dos universais.*” (Aristóteles, DA 417b20)

isto é, um estímulo positivo (prazeroso) ou negativo, (desagradável) que resulta na motivação por prolongar ou interromper a experiência emocional. (Lent, 2003, p. 716)

Há também outro tipo de classificação, além da valência negativa ou positiva, e são três grupos: as emoções primárias, secundárias e as emoções de fundo – esta última definida por Damásio como um tipo de fundo de sentimento da consciência que é algo que a pessoa carrega consigo e de alguma maneira caracteriza o “self”. E assim o *self* poderia determinar as emoções primárias e secundárias. As primárias seriam as inatas (alegria, tristeza, medo, nojo, raiva, surpresa) e as secundárias seriam sociais, culturais (culpa, vergonha, orgulho), muitas destas são denominadas emoções morais. (Lent, 2003, p. 716)



James Ensor (1899) Auto-retrato com máscaras.  
(Uma analogia entre emoções reais e outras sociais “as máscaras”.)

A teoria de William James que Sartre criticou por suprimir a experiência emocional subjetiva, pois tais emoções seriam descritas e causadas por manifestações fisiológicas e comportamentais, tão similar à

Damásio. Para Sartre o caráter subjetivo da experiência emocional não poderia de maneira ser negligenciado, se não fosse o mais importante.

E assim as descrições dos neurocientistas focam em várias emoções fundamentais como o medo, raiva, prazer, alegria e o tipo de explicação é sempre em terceira pessoa, de acordo com tal área do cérebro, tal estímulo, tal comportamento. Uma cadeia de fatos, mas que, ao mesmo tempo relacionam consciência com percepção, comportamento, diferenciando da autoconsciência, e até mesmo o inconsciente, ao passo que quem coordena tudo, claro que teria de ser o cérebro. Há, no entanto, neurocientistas dualistas e muitos outros materialistas defensores do reducionismo. Como afirma Lent: *“O reducionismo já não é tão amplamente aceito pelos neurocientistas como explicação, mas permanece como um método muito fértil para o estudo das propriedades neurais.”* (Lent, 2003, p. 736) Dito isto, a linguagem de filósofos e cientistas juntas poderiam formar uma síntese maior, pois muitos neurocientistas estão cientes que a “explicação completa” não se encontra apenas na linguagem científica e neurológica:

Apesar de sua relevância, a controvérsia entre filósofos e neurocientistas está longe de ser resolvida. Tudo indica que as posições negativistas parecem perder terreno: a mente pode sim ser um objeto de estudo, e os mecanismos cerebrais que a acompanham podem ser desvendados pelos neurocientistas. O que não quer dizer, necessariamente, que toda a explicação para os fenômenos mentais esteja resumida na operação dos neurônios do cérebro. (Lent, 2003, p. 737)

Neurocientistas e filósofos com perspectivas mais reducionistas materialistas, podem concordar em abordar todas as descrições de causas físicas e materiais totalmente necessário para a investigação das emoções. Um fisicista claramente investigará causas físicas, não há causas que não sejam físicas, já escreveu Aristóteles. A causalidade material é um tipo de explicação, mas o que mais nos diz sobre o que uma coisa é, e o que seriam as emoções? Como o estagirita escreveu emoções são formas na matéria, afecções, alterações. E o ponto aqui, o tipo de explicação que abordam a causalidade material, e como visto em Damásio, causalidade fisiológica na relação cérebro-mundo, porém não existe essa relação, é um recorte da ciência, a ingenuidade de compreender o que seria mental por partes separadas no corpo, não existe o fantasma da máquina, o capitão no navio, a mente no cérebro, ou na cabeça, muito menos as emoções.

### **Conclusão:**

Cientes que ao longo da história houve uma busca incessante em tentar definir o que deveria sobrepor no comportamento humano, razão ou emoção. Por muito tempo prevaleceu o primado da razão sobre o *“pathos”* ou as paixões. O lugar das paixões, desde a Grécia, a começar por Platão ocupavam

partes inferiores no corpo, mais físicas e corpóreas e menos importantes que as características mentais e psicológicas. Algo como ainda encontramos o privilégio da mente “na cabeça” comandando o resto do corpo, assim como o privilégio dos comandos neuronais atualmente, o que realmente parece remeter à mesma divisão hierárquica tão antiga, a influência de teorias dualistas. Obviamente, que isso mudou com Aristóteles, e entendemos que somos uma combinação, uma composição entre o que é material e formal. Entender as formas das emoções, implica descrever por que acontecem, quando acontecem, com quais fins no comportamento. As esferas físicas e psicológicas deveriam ambas serem descritas para tentar explicar o comportamento, e não reduzir o psicológico a causas materiais, explicações materiais não explicam o fenômeno por completo. A nossa sensibilidade acontece num corpo específico, com um esquema corporal próprio, para além de cumprir funções biológicas, estamos situados de modo diferentes pela percepção na experiência da ação. As emoções para Aristóteles são movimentos da psique, nossas afecções, alterações, mas são funções da psique, assim é não são manifestações que poderiam ser apenas físicas ou psíquicas. As afecções podem ser respostas esperadas por tais tipo de estímulos, mas também podemos reagir de modo não esperado, ao passo que outras vezes podemos nos afetar sem estar diretamente a lidar com tais fenômenos, como explicou:

por vezes, ainda que nada de assustador aconteça, sentimos as afecções de quem está com medo. Se assim é, as afecções são, evidentemente, formas implicadas na matéria e as definições serão, por consequência, deste tipo: «encolerizar-se é certo movimento de certo corpo, ou de certa parte ou faculdade do corpo, por tal causa e em vista de tal fim». (Aristóteles, DA 403<sup>a</sup>25-30)

A explicação poderia ser material e formal, para Aristóteles, a explicação de Damásio com certeza seria mais um tipo de explicação material, o que entendeu Teixeira como um tipo de materialista reducionista. E Sartre também reconheceu o mesmo sobre a abordagem das emoções em de William James. Assim é apontaram para os limites da explicação materialista e reducionista da ciência. Veja como Aristóteles descreveu tipos diferentes de explicações para um mesmo fenômeno:

Ora o físico e o dialético definiriam de forma diferente cada uma destas afecções, como, por exemplo, o que é a ira. O último defini-la-ia como um desejo de vingança, ou algo deste tipo; o primeiro, como a ebulição do sangue ou de alguma coisa quente à volta do coração. Destes, um deles dá conta da matéria, o outro da forma específica e da definição. É que a definição é «o este» da coisa e, a existir, é necessário que isso exista em certo tipo de matéria. (Aristóteles, DA 403<sup>a</sup>30- 403b5.)

A definição formal implica compreender e abordar a descrição de leis causais teleológicas, assim como entender a forma das emoções implica entender por que acontecem, não apenas como causa

material, mas a partir da causalidade formal que é lidar com qual propósito para a ação. Aristóteles defendia que a causa formal explicava mais o movimento do que apenas as causas materiais:

Assim, a definição de «casa» seria deste tipo: «é uma protecção capaz de impedir a destruição pelo vento, pelo calor e pela chuva». Então, um dirá que a casa é «pedras, tijolos e madeira»; o outro, que é «a forma existente naqueles em vista de tais fins». Qual destes homens é, afinal, um físico? O que se ocupa da matéria, ignorando a definição, ou o que se ocupa apenas da definição? Ou é antes o que algo diz a partir de ambas as coisas? (Aristóteles, DA 403b5-10)

As emoções são experiências como as percepções, particulares e universais ao mesmo tempo e são importantes para conhecermos sobre nós mesmos. Uma das críticas de Sartre e Teixeira era sobre a primazia de uma linguagem pretensiosamente científicista e fisicista, e que pretende explicar o fenómeno das emoções a ignorar a particularidade, ou subjetividade. Mas como sabemos desde Aristóteles, estamos cientes que não se faz ciência do particular, e o desafio é encontrar um ponto de equilíbrio entre o que seria particular e universal no papel das emoções para o comportamento humano. A neurobiologia como um tipo de descrição do fenómeno da relação cérebro-corpo busca identificar causas materiais, e a abordagem não reducionista da fenomenologia seria uma tentativa de encontrar as causas formais e finais das emoções como um fenómeno da experiência humana.

## BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES (2010) *Sobre a alma*. Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Trad. Ana Maria Lóio. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa.

ARISTÓTELES (1994) *Metafísica*. Trad. Tomás Calvo Martínez. Biblioteca Clássica Gredos, Madrid.

ARISTÓTELES (2002) *Metafísica*. Trad. Geovane Reale, São Paulo, Edições Loyola.

DAMÁSIO, António Rosa (2005) *En busca de Spinoza: Neurobiología de la emoción y los sentimientos*. Trad. Castellana de Joandomènec Ros. –Barcelona: Crítica.

DENNET, Daniel Clement (1991) “The Method of Heterophenomenology” IN *Consciousness Explained*. Back Bay Books/Little, Brown and Company.

FERRETTI, Marcelo Galletti (2013) *O Estatuto do Corpo em Esquisse D'une Théorie Des Émotions, de Jean-Paul Sartre*. Trans/Form/Ação, Marília, v. 36, n. 3, p. 129-154, Set./Dez.

LENT, Roberto (2003) *Cem bilhões de neurônios*. São Paulo: Artmed.

SARTRE, Jean-Paul. (2008) *Esboço para uma Teoria das Emoções*. Trad. Paulo Neves. –Porto Alegre: L&PM.

SASS, Simeão Donizeti (2007) *Esboço de uma Teoria Sartreana das Emoções*. Reflexão, Campinas, 32 (92). p. 35-49, jul./dez.

PRINZ, Jesse J. (2004). *Gut reactions: A perceptual theory of emotion*. Oxford University Press.

TEIXEIRA, João de Fernandes (2005) “Uma nota sobre Sartre e Damásio ou as emoções entre a fenomenologia e a neurobiologia” In: *Filosofia da Mente: Neurociência, Cognição e Comportamento*. – São Paulo: Ed. Claraluz.



COSTA, Sâmara Araújo. O CONFRONTO DAS EXPLICAÇÕES (CAUSAIS) DAS EMOÇÕES:FENOMENOLOGIA X NEUROBIOLOGIA. *Kalagatos*, Fortaleza, vol. 20, n.3, 2023, eK23059, p. 01-16.

Recebido: 08/2023

Aprovado: 09/2023